

# Apresentação

Diversas são as concepções de Intertextualidade no campo dos estudos linguísticos e literários. Desde o conceito de ‘glosa’, ‘citação’ ou ‘acomodação’ medievais, conforme aponta Geraldo A. Fernandes em ensaio neste livro, às definições mais contemporâneas, devedoras dos pensamentos de Bakhtin e Kristeva, ou, ainda, às contribuições da Linguística Textual, as diversas nuances e especificidades do conceito de Intertextualidade comprovam o quão útil e iluminador, para o criador e para o crítico, pode ser o *modus operandi* dialogal em que se baseia. Por isso, quando a Intertextualidade foi proposta como tema ordenador deste quarto livro da *Série Estudos Medievais* a aceitação foi imediata e consensual. A variedade de olhares críticos sobre a literatura e a língua medievais presentes nos estudos que agora apresentamos, intermediados pela estratégia intertextual, é prova eloquente de que a escolha foi acertada.

Os oito ensaios aqui reunidos são frutos das pesquisas desenvolvidas pelos membros do Grupo de Trabalho sobre Estudos Medievais (GTEM) da Associação Nacional de Pós-Graduação em Letras e Linguística (ANPOLL). As publicações da *Série Estudos Medievais* servem ao objetivo de divulgar as investigações realizadas no âmbito dos estudos medievais pelos membros do GTEM, cumprindo assim a função de publicizar os resultados, parciais ou finais, alcançados por seus investigadores. O tema norteador das discussões – neste livro, a Intertextualidade – propicia o alinhavo necessário à sistematização das discussões e promove uma aproximação transversal das distintas pesquisas em andamento.

Em forma de comunicação oral, a maioria dos ensaios aqui reunidos foi apresentada primeiramente na reunião do GTEM realizada em junho de 2014, na UFSC, em Florianópolis, no âmbito do Encontro Nacional da ANPOLL, a que o GTEM se subordina. A diversidade das obras e autores estudados e a variedade das perspectivas analíticas revelam características próprias do GTEM desde sua criação: a primeira, a de congregar pesquisadores dos estudos linguísticos e dos estudos literários; a segunda, a

de reunir investigadores de diferentes instituições universitárias do país, alguns com larga experiência na área, outros, jovens pesquisadores, todos com um interesse investigativo em comum, o mundo medieval.

Os textos foram ordenados segundo o prenome do autor do ensaio. O primeiro, de Álvaro Bragança Jr., apresenta uma discussão central para a Medievalística Germanística, o estabelecimento dos textos medievais com que se trabalhar. Partindo de uma espécie de resenha crítica da coleção de obras publicadas pela *Biblioteca da Literatura em Holandês Medieval*, ou BIMILI, e da edição das “obras completas” do denominado “último trovador” do mundo germânico, Oswald von Wolkenstein, Bragança Jr. elenca e comenta aspectos linguísticos que orientaram o trabalho com as fontes, refletidos nas edições que analisa.

Célia Marques Telles renova seus já sólidos estudos sobre o *Livro Velho do Tombo* do Mosteiro de São Bento da cidade da Bahia, coletânea de documentos referentes aos bens patrimoniais imóveis do Mosteiro. Da coletânea, Telles observa atentamente quatro documentos que trazem registros de *rituais de passagem*, como a expiação e a cerimônia do sepultamento e das indulgências. Três são testamentos, de Gabriel Soares de Souza, de Manuel Nunes Paiva e de Maria Rodriguez de Oliueira; um é traslado de verba do testamento de Fernão Pirez Manço. Lendo os documentos, Telles testemunha, com um exaustivo levantamento de exemplos, procedimentos medievais renovados nos ritos de passagem evocados pelos documentos do *Livro Velho do Tombo* do Mosteiro de São Bento da cidade da Bahia.

Tomando duas obras habitual e pertinentemente postas em diálogo, o *Cancionero General* de Hernando del Castillo (1511-1514) e o *Cancioneiro Geral* de Garcia de Resende (1516), Geraldo Augusto Fernandes demonstra de que modo os poetas cancioneris ibéricos recorriam à intertextualidade para criação de seus poemas. Apresentando e discutindo um diálogo textual específico – o das trovas quinhentistas com a oração bíblica, o *Pai Nosso* –, Fernandes revela as técnicas retóricas a que recorriam os poetas para o estabelecimento do diálogo: a ‘acomodação’, a ‘citação’ e a ‘glosa’. Conforme argumenta Fernandes, há poetas que optam pela ‘citação’ ou ‘glosa’ da oração bíblica, resultando em poemas de cunho devocional e místico, caso de Hernán Pérez de Guzmán, poeta do *Cancionero General* castelhano, e de Luis Anriquez, poeta

do *Cancioneiro Geral* português. Por outro lado, ao optar por uma chave satírica ou paródica, Salazar, poeta do *Cancionero General*, recorre à técnica da ‘acomodação’ para construir seu diálogo intertextual.

Gladis Massini-Cagliari centra seu estudo num desdobramento da noção de Intertextualidade, a estratégia de auto referenciamento proposta pela “intratextualidade”. O conjunto de textos que compõem as *Cantigas de Santa Maria*, cancionero atribuído a Afonso X (1121-1284), é o *corpus* a partir do qual Massini-Cagliari recolhe um pequeno número de cantigas cujos conteúdos derivam de uma mesma fonte e que apresentam características estilísticas comuns. Esta constatação anima Massini-Cagliari a lê-las e interpretá-las a partir de um diálogo intratextual ou, na perspectiva da estudiosa, ‘intracancioneril’.

Da mesma forma, Tauanne Tainá Amaral toma as *Cantigas de Santa Maria*, de Afonso X, como objeto de seu estudo. A perspectiva agora é a de investigar o “*status* prosódico do grupo clítico no Português Arcaico (século XIII)”. A tese, que se comprova verdadeira, é de que os grupos clíticos, hierarquicamente, “formam a primeira categoria prosódica pós-lexical no Português Arcaico”, assumindo uma função fonológica que os eleva à condição de maior independência, quando comparados com os afixos.

Assim como os três estudos anteriores, também o ensaio de Márcia Maria de Melo Araújo toma a poesia cancioneril como objeto de seus estudos. Desta vez é a poesia trovadoresca galego-portuguesa profana, mais especificamente as cantigas de amigo de João Soares Coelho, João Zorro e Pero Meogo, o *corpus* analisado. Araújo investiga o erotismo representado nas “imagens femininas” encontrados nas cantigas daqueles três poetas. A partir de análises das cantigas em paralelo, Araújo discute o diálogo nem sempre pacífico de elementos constituidores de certa imagem da nobreza medieval, tais como fidelidade e coragem, ternura e amor.

Em perspectiva distinta, mas ainda no campo da Intertextualidade, Maria do Amparo Tavares Maleval faz convergir em seu ensaio três de seus grandes interesses investigativos: o papel político, social e cultural da rainha D. Leonor; a obra de caráter mais devocional do dramaturgo Gil Vicente; e o tratado de edificação espiritual, o *Boosco Deleitoso*. A alinhar o diálogo entre os três elementos o franciscanismo e/ou

agostinianismo entrevistados ou expressos sejam nas ações de mecenato religioso e cultural de D. Leonor, nos autos devocionais de Gil Vicente, representados em sua maioria por animação da Rainha Velha, ou nos aconselhamentos fornecidos pelo *Boosco Deleitoso*, também ele mandado trasladar ao português por D. Leonor. Da análise dos aspectos do franciscanismo e/ou agostinianismo presentes nas ações e obras acima referidas, Maleval revela um posicionamento comum aos três: “a defesa de uma concepção da existência humana enquanto *peregrinatio* rumo ao Eterno”.

Por fim, Pedro Carlos Louzada Fonseca apresenta-nos mais um arguto ensaio fruto de suas investigações sobre a visão da mulher na Idade Média. Identificando, analisando e discutindo textos centrais para a construção do discurso misógino e ampliando seu raio investigativo até “o aparecimento de uma literatura pró-mulher e antimisógina, culminando com a defesa da mulher pela mulher”, Fonseca toma para análise uma das obras mais emblemática e polêmica do discurso antimisógino medieval, *Le Livre de la Cité des Dames* (c.1405) [O livro da cidade das damas], de Christine de Pizan. O recorte analítico que Fonseca propõe é o de observar a estratégia de Pizan de, via o diálogo intertextual com textos clássicos antigos e medievais de teor misógino, de autoria masculina, promover a desconstrução argumentativa dos discursos discriminatórios sobre a mulher. Ao longo do ensaio, acompanhamos Fonseca iluminar o texto de Pizan e revelar seu esforço argumentativo para desconstruir o cerne do discurso misógino presente nos textos com que dialoga.

Assim, os oito ensaios que compõem este quarto livro da *Série Estudos Medievais* são prova cabal de que a Intertextualidade, seja no campo da criação artística seja no da leitura crítica, foi e segue sendo um produtivo caminho para se acessar o mundo da língua e da literatura medieval. Desejamos que o leitor possa, desfrutando das leituras, concordar com esta perspectiva.

Márcio Ricardo Coelho Muniz